

CARAMBAIA

Ercilia Nogueira Cobra

Virgindade inútil
Novela de uma revoltada

ilimitada

Biografia de uma revoltada
MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

Posfácio
GABRIELA SIMONETTI TREVISAN

7 Nota à edição

• • •

9 **Virgindade inútil**

Novela de uma revoltada

• • •

109 Biografia de uma revoltada,
por Maria Lúcia de Barros Mott

164 Posfácio,
por Gabriela Simonetti Trevisan

Nota à edição

Para esta edição, utilizamos como base a versão do livro publicada pela própria autora em 1927 e reproduzida integralmente em *Visões do passado, previsões do futuro* (introdução e notas de Susan C. Quinlan e Peggy Sharpe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG, 1996).

Além de atualizações ortográficas e correções de erros tipográficos, mantivemos as liberdades gramaticais e a pontuação original do texto, mesmo nos casos em que o uso da vírgula se apresenta de forma anacrônica. Correções foram feitas apenas quando o entendimento do texto se achava comprometido.

Virgindade inútil
Novela de uma revoltada

Uma frase que nada tem com o livro mas que é uma bela lição de solidariedade humana:

Todos nós que enriquecemos devemos larga parte dos nossos sucessos aos humildes que conosco colaboraram. E à proporção que vencemos vamos constituindo uma dívida que precisamos e devemos saldar em serviços sobretudo de assistência social.

– Guilherme Guinle

OBSERVAÇÃO

Sou obrigada, no correr deste livro, para clareza do assunto, a usar de expressões que o vulgo ignaro, semianalfabeto, cuida imorais.

Tenho observado que o falso sentimento de pudor, que fez do ato do amor uma vergonha para a mulher, é um sentimento medieval, criado pelo misticismo dos sacerdotes, que, ignorantes como eram, nada entendiam de fisiologia e não ligavam a devida importância à nobre função do amor. O amor físico é tão necessário à mulher como o comer e o beber.

Se assim não fosse a natureza criá-la-ia neutra: sem sexo e sem imaginação.

A repressão dos instintos femininos, as injúrias e anátemas que pesam sobre as que se não sujeitam ao perverso e imoral sequestro, conseguem apenas criar o lenocínio, o infanticídio, a caftinagem e a prostituição.

O aviltamento da mulher que teve a audácia de buscar prazeres fora do lar doméstico e satisfazer ao acaso das suas aventuras um desejo que os homens satisfazem sem empecilhos, quando e como lhes apraz, ainda não deu resultados práticos. A pecha de perdida e adúltera pela sociedade lançada contra as rebeldes não conseguiu diminuir-lhes o número.

E a razão disto é simples.

Os mamíferos são polígamos por natureza e jamais haverá leis que consigam impedir-lhes os instintos de se manifestarem.

Ficai certos, ó açambarcadores do gozo que vos chamais homens, quando devíeis chamar-vos monstros – a vítima imbele que pensais segurar com vossas mãos, quanto mais cuidais que a tendes manietada, mais se liberta. Vossas cadeias são insuficientes.

A natureza prega-vos a mais deliciosa peça que pregar se pode a um tirano.

Impedis que ela receba no templo as oblações naturais? Mas a imaginação fica livre e os botões sabem fremir de gozo à leve carícia de um dedinho!...

As vossas leis iníquas só conseguem criar vícios contra a natureza.

Não pretendo descer à patologia sexual citando as viciosas donzelas que se excitam mutuamente ou se ferem servindo-se de objetos que provocam doenças terríveis.

Por causa destes fatos e por outros que seria ocioso citar, os países *leaders* da civilização, condoídos da sorte miserável da mulher, começam a quebrar as algemas que lhe acorrentam os pulsos e cada vez mais lhe deixam as mãos livres para o trabalho, única fonte de felicidade na vida.

Cedo ou tarde há de cair o preconceito de que a mulher não é de carne e osso como os demais mamíferos, tendo como eles um aparelho sexual com as mesmas exigências.

A vida de galé que a mulher tem levado até hoje há de acabar!

O seu corpo martirizado de desejos insatisfeitos será livre. A inominável perversidade que a lança faminta aos prostíbulos para servir de pasto à concupiscência bestial do macho há de ter fim.

INTROITO

Um pouco de geografia e história da República da Bocolândia.

Capital: Flumen.

Superfície: 8.550.000 km².

População: 20.000.000 de bocós.¹

País fértil, cortado de rios, banhado pelo Atlântico numa extensão de 7 mil km, mais ou menos. Isto quer dizer que é um país de costas largas...

Solo riquíssimo capaz de produzir os mais variados produtos agrícolas, mas os bocós preferem cultivar o analfabetismo, o amarelão e o jogo do bicho.

Entre as aves a mais notável é o águia.

A população está dividida em três castas: a dos açambarcadores, chamados também, por antonomásia, piratas; a dos capangas, mantenedores do status quo; e a dos que mourejam e pagam o pato.

1 Na edição da obra que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, datada de 1932, o número é de “40.000.000 de bocós”. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

A religião seguida é interessante, porque consiste em fazer exatamente o contrário do que manda o Evangelho em que se baseia.

A rolha é um ingrediente muito usado no país. Ai do bocó que ousa dizer o que observa! Os capangas que fazem escolta aos águias caem em cima dele e acusam-no de estar difamando a pátria. Porque os capangas confundem pátria com o punhado de piratas que a exploram.

O analfabetismo é mantido de propósito a fim de que o povo se conserve em permanente estado de estupidez, e na cegueira de um medievalismo inconcebível no século XX.

Os leitores já adivinharam que a Bocolândia não é pseudônimo nem da Argentina, nem dos Estados Unidos.

I

Cláudia é ainda meninota. Pertence a uma dessas famílias do interior que aparentam fortuna e onde o valor da mulher é igual a zero.

O pai, um estroina, casou-se com o dote da mulher, e depois de o ter dissipado em farras, morreu, deixando-lhe apenas seis filhas e dois filhos, segundo o louvável hábito dos povoadores a todo o transe.

Dos filhos não trataremos. Basta dizer que eram homens, foram educados como homens, isto é, no

trabalho, a fim de poderem ser independentes e portanto felizes.

Falaremos das filhas.

Cláudia, a mais velha, tem 14 anos. Já sabe colorir as faces com ligeira camada de carmin. Mas depois jura às amigas que o rosado é natural. Morde os lábios de meio em meio minuto para fazê-los úmidos e rubros.

De coisas práticas não entende patavina, pois foi educada num colégio de irmãs.

Ensinaram-lhe a história dos judeus, fizeram-na decorar o catecismo, obrigaram-na a ir de madrugada e em jejum calejar os joelhos na igreja. E ao fim de oito anos de clausura devolveram-na para casa tão ignorante como ao entrar, porém mais cheia de superstições e nervosa.

De natureza muito inteligente, habituada a observar, a menina Cláudia nada perde do que se passa ao redor de si. Guarda o resultado das suas observações lá no recesso do seu íntimo, conservando na limpidez dos olhos verdes o brilho perfeito da inocência.

Na cidadezinha onde vive, o seu campo de observação é restrito; não há novidades. Mesmo assim, uma ou outra vez, Cláudia atenta em fatos em desacordo com aquilo que lhe ensinaram no colégio. Vai tirando a prova de que, a começar pelo pregoeiro que do alto do púlpito lança a palavra de Deus, todos agem em desacordo com tal palavra.

As outras irmãs seguem pela mesma trajetória. A mesma educação inepta, o mesmo espelho da manhã à noite, a mesma futilidade.

Pensar em coisas úteis, para quê? A mulher foi feita para ser o anjo do lar. É crescer e esperar pelo lar, não descurando do dote que o “galo” exige para fecundar as “frangas”...

E enquanto esperam pela hora de serem colhidas, malham no teclado do piano, fazem as suas aquarelas delambidas, gastam quanto cetim há na vila em almofadas. E... olham-se ao espelho.

De arte, de ciência, de trabalho útil, nada.

Não é a mulher apenas um ente reprodutor? Uma espécie de autômato que só se move nos momentos em que a sociedade exige? Não é completamente insensível, mera portadora de um órgão que só pode funcionar quando a religião dá ordem e quando a sociedade autoriza? Para que instrução sólida? Matemática, línguas, profissão liberal: bobagem! A mulher nasceu para escrava. Nada de encher a cabeça das meninas com coisa inútil às escravas. Onde já se viu alfabetizar escravas? Para longe a educação americana! Isto é coisa de protestantes. Moças bocós, católicas, apostólicas, romanas, devem ser bem incultas. Para isso aí estão os colégios de irmãs: para manter bem vivas nas futuras mães a tradição dos hebreus, povo nascido para a escravidão, como disse Tácito. A mulher foi feita para agradar ao homem e, pois, não

deve igualar-se a ele. Seria uma desgraça. Acabar-se-ia a pagodeira. As vítimas abririam os olhos.

Mas se por uma reviravolta da fortuna a moça encontrar-se só e abandonada no mundo? A que poderá recorrer para *se tirer d'affaires*?² Como poderá viver, se não tem profissão?

Ora, viverá do seu corpo. Recorrerá ao bordel. Na Bocolândia pode faltar tudo ao povo, menos o bordel para as moças famintas e a roda para as crianças abandonadas.

Honra seja feita à Bocolândia! A cidade mais insignificante do interior tem sempre o seu bordelzinho. Tão natural isto!

A mulher não foi feita para dar gosto ao homem? Pois, quando não tem dote para comprar marido, nem vocação para solteirona, que se recolha a um conventinho.

E o futuro? Objetação alguns.

Futuro!

Quem pensa em futuro de escravas?

Quando ficar velha tem o suicídio.

Se adoecer, há o hospital.

Todos sabem que em matéria de hospitais a Bocolândia está admiravelmente aparelhada. Não morre um rico que não deixe legado para um novo hospital. A Bocolândia é um vasto hospital...

2 Em francês, no original: “se sair bem”, “se virar”.

Voltemos a Cláudia.

Lá está ela encostada à grade do jardim, conversando disfarçadamente com um rapaz. É pobre esse rapaz, e por isso não o admitem em casa. O avô, escaldado com o que lhe aconteceu à filha, só dará a neta a homem de fortuna. Toca pois a esperar que o nababo apareça. Não é fácil. Homens bem colocados e independentes são escassos e pouco amigos de casar.

Cláudia tem muitos pretendentes, pode escolher – é rica, ou pelo menos tem fama disso. Entre os candidatos ao seu dote o mais querido do avô é um médico. Mas não se decide nunca. Homem finório, quer ter a certeza do dote, conhecer-lhe o quantum. Demais, está, como se diz, entre a cruz e a caldeira, sendo a cruz a Joaquina Matos, uma pequena de 15 anos, de feiura que promete, mas cujo pai é incontestavelmente o mais rico fazendeiro do lugar.

O médico, homem gasto, só pretende uma coisa: casar com um bom dote para gozar boas francesas.

As francesas constituem, depois que ele sai do escritório, a grande preocupação do seu espírito. Sem negar a beleza de Cláudia, ele acha com seus botões que ela não é o seu tipo. Enfim, para casar serve...

Mulher para ele, está provado, é a francesa. É essa mulher ousada que aborda os homens nos bares, chama-lhes *mon chéri*, esfregando-se toda, e depois de ingerir meia dúzia de copinhos os leva

para seus aposentos e lá os estonteia, os despe, os rola na cama e, a fingir-se excitada, com gritinhos e desmaios languês, os “ama” à francesa, calculando pela qualidade da roupa a importância do *miché*³.

Cláudia! Sim, muito boa, pois além de trazer dinheiro lhe servirá de governanta da casa. Quando se sentir exausto da farra terá um remanso onde passar as noites.

Só para isto.

Ah! e também lhe dará filhos que o consolarão na velhice...

III

Dois anos se passaram. Cláudia ainda não foi pedida. Correm insistentes boatos acerca dos negócios do avô. E enquanto os boatos correm, a verdade vai se lhe revelando na sua realidade tristonha. Cláudia lê romances: histórias melífluas onde tudo é falso. Falsas generosidades, amores impossíveis de existir. Mas sua imaginação de mocinha inexperiente tudo aceita com a corrente da vida. Assim, os momentos preciosos que podia aproveitar em estudos sérios, formadores de alicerces para uma vida autônoma, são sacrificados

3 Em sua origem, em francês, o termo se referia também ao cliente que paga pelo serviço de prostituição, e não apenas à prática da prostituição em si, como é corrente nos dias atuais.

no altar da fantasia. Os heróis cavalgando corcéis fogosos ou ainda automóveis reluzentes povoam-lhe a imaginação.

Um romance!

Que linda coisa um romance!

Como é boa a vida no romance próprio para moças!

Quanta quimera, quanta mentira cujo fim único é falsear a pobre cabeça da mulher.

Infame palavreado cor-de-rosa, fonte de ignomínias para as coitadas que entram no mundo a sonhar que pisam tapetes da Pérsia e acordam com os pés no lodo.

Quanta lágrima, quanta desilusão amarga, quantos braços erguidos para o céu indiferente e vazio, não se incubam nesse falseamento da realidade! Quanta meretriz roída de sífilis não expira nos hospitais o crime de ter querido imitar uma heroína de romance em plena realidade do mundo!

Quanta alma curiosa não recorre ao suicídio, para apagar da mente o horror do quadro que se lhe deparou ao erguer o manto de seda recamado de pedrarias com que o romancista lamecha cobriu o lodo e a podridão da existência!

Romances para moças! Luvas de pelica que alguém usa para esconder a mão leprosa.

Dir-se-iam feitos expressamente para povoar os prostíbulos.

Engraçado! Quando se consertam as ruas, colocam-se de noite pequenas lâmpadas à frente dos

buracos para aviso aos incautos. Mas, às mulheres, soltam-nas pelo mundo sem uma luz de aviso, antes velando os abismos para que não os possam evitar!

Tais falseadores da vida deviam ser colocados num prostíbulo e obrigados a vender seu corpo, poluindo-o de todas as lepras, para que aprendessem e sentissem o que resulta da sua obra...

Cláudia vê uma por uma suas amigas se casarem.

As ricas casam-se cedo. Aos 12 anos já os pretendentes as farejam com medo que o dote fuja...

O último casamento, o que mais chocou a pobre Cláudia, foi o da Baby Martins, mais nova que ela e a mais namorada das melindrosas do lugar. Cláudia, a quem a mãe vivia dizendo que a razão da demora dos pedidos era o fato de Cláudia namorar demais, começou a desconfiar da verdade. Começou a ver que a alma do casamento era o dinheiro, e a tomar nota do valor econômico das suas amigas que casavam. Este estudo veio provar que a sua desconfiança não era infundada. Só casavam as que tinham bom dote...

Uma anedota corria, mesmo teimosa e desagradável, que corroborava as suas dúvidas sobre a cotação da beleza e da virtude na bolsa matrimonial.

Dizia-se à boca pequena que, na noite de núpcias da Joaquina Matos, a feíssima filha do riquíssimo coronel Matos, o noivo necessitava apagar as luzes para consumir o casamento.

Outro fato também concorreu para avivar as desconfianças de Cláudia.

Marieta Silveira, uma solteirona já sem esperanças, depois de ter recebido inesperada herança de uma tia ignorada, contraíra núpcias com um dos melhores partidos locais. Realizara o que se costuma chamar um casamentão. Ora, a pobre da Marieta completara já a idade em que uma mulher perde completamente a esperança de casar, e os anos não a tinham embelezado. Logo, fora o cobre que atuara em vez de Cupido.

Todos esses fatos juntos ao casamento de Baby deixaram Cláudia desconsolada.

A certeza de que não se casaria e seria uma parasita da classe das Correias e outras célebres solteironas do lugar, cuja função se reduzira a desbastar com os cotovelos o peitoril das janelas, desesperava-a.

Pelas conversas da casa sabia que os negócios não marchavam bem. As fazendas que seu pai deixara hipotecadas mais dia menos dia iriam à praça.

O pobre avô, obrigado a arcar com as responsabilidades de chefe de família em idade já muito avançada, esmorecia a olhos vistos, e por fim morreu.

IV

A desolação foi imensa, seguida dum desmoronamento completo. O avô nada deixara, a não ser hipotecas.

A mãe de Cláudia, completamente alheia a negócios e cuja única ocupação após a morte do marido

fora cobrir-se de véus negros, chorar e frequentar a igreja, ficou imbecilizada. Abandonou tudo nas mãos do advogado, um malandrago hábil, que se conluiou com o credor principal para lhe passarem a perna, deixando-a a ver navios.

Completamente desorientada e com oito filhos às costas, dos quais cinco pequenos, a pobre viúva achou que não rezara assaz, armou oratório no quarto e lá passava os dias diante das imagens de massa colorida, com os corações transpassados de espadinhas de metal amarelo.

Enquanto isso as fazendas iam à praça, e a mobília e as joias, penhoradas, passavam às mãos do advogado.

A miséria negra e triste do pobre envergonhado entrou naquela casa.

Casar Cláudia, agora? Com quem, santo Deus? Moça pobre, com cinco irmãos pequenos e mãe beata...

Cláudia tinha então 17 anos. Toda a mentira, toda a hipocrisia da sua educação sionesca saltava-lhe aos olhos. Nada sabia fazer, e não seria com os ínfimos recursos de que dispunha sua mãe que poderia dedicar-se à prática de uma profissão que sempre exige aprendizado. Ficaria, pois, solteirona como tantas outras infelizes suas conhecidas...

O seu sangue ardente de moça refervia-lhe nas veias ao ver nas fitas americanas lábios se colarem contra lábios.

Solteirona, ela?

Jamais!

Gostava da vida. Amava o amor antes de o conhecer. Adorava o *flirt*, e todas as coisas boas do mundo. Seus olhos cintilavam ao contemplar nos filmes os seus tipos de homens favoritos.

Ah, não!

Mirrar-se naquela cidade mesquinha, ela que tão lindas coisas idealizara, nunca!

Seus sonhos, seus planos haviam desmoronado como casa sem alicerces açoitada pelo vento.

Nada ficara de pé.

Derrocada completa.

Mas, inteligente como poucas, apesar da sua nenhuma instrução, via com o olhar arguto o imenso logro que a vida lhe preparava. E sentiu-se num dilema: ou pisar ou ser pisada. Ser esmagada pelos preconceitos, ou correr com eles.

Resolveu arrostá-los.

Um dia, num acesso de impaciência, esquecendo o respeito que devia à mãe, interpelou-a rudemente, dizendo que na idade em que estava já poderia ser uma doutora. Se não havia certeza do dote, por que não a educaram para o trabalho?

A religiosa senhora fitou-a perplexa, talvez com um pequeno remorso no fundo do coração, ao vê-la tão moça e forte e votada à vida dos infidáveis martírios da solteirona.

O nervosismo de Cláudia crescia de hora em hora. Num acesso de cólera quebrou todos os

quadros da parede do seu quarto, atirando-os ao solo. Foi uma correria na casa. Julgaram-na louca.

Na sua ideia começava a germinar o plano de pisar todas as convenções, dar um pontapé no respeito humano e partir. Iria para bem longe daquela cidade maldita onde o seu coração, dia a dia, se tornava mais negro. Não tinha profissão a que recorrer? Que importa! Seria criada de servir. Arrastaria pelos mosaicos das copas o seu pé habituado aos tapetes de outrora, mas seria livre!

Os pretendentes haviam todos desaparecido.

Os homens casados olhavam-na e tratavam-na de maneira diversa da de outros tempos. Farejavam presa fácil.

A mãe, diante do oratório, rezava.

A irmã mais nova namorava. Sem o chamariz do dote, os pretendentes que agora se lhe acercavam eram ínfimos demais.

A vida de Cláudia transformou-se num inferno. O seu olhar verde tão calmo antigamente adquiriu o cintilar duro das pedras preciosas.

Debalde repicava o sino da matriz na alegria festiva das manhãs domingueiras. Cláudia não ia mais à igreja.

À porta dos cinemas, de noite, debalde a charanga soluçava os seus dobrados. Cláudia não ia mais ao cinema.

As caras que formavam a sua roda de conhecidos de outros tempos lhe eram odiosas.

Um dia um pretendente se apresentou. Velho,

viúvo e rico, mas um tanto caipira. Cláudia a princípio o recebeu bem, jurando que pretendesse sua irmã. Passou a detestá-lo, porém, logo que viu ser ela a visada.

Nunca se casaria com semelhante homem: amava demais a vida para sacrificá-la a um velho que podia ser seu avô. Além disso o seu plano amadurecera; nesse entretanto um fato local veio apressar a sua realização.

V

Na vila semimorta de tédio uma notícia de escândalo explodiu. A mãe da Juju Valério, melindrosa muito cotada em virtude da vida de luxo que a viúva ostentava, viera a falecer repentinamente. Até aí, nada demais. A complicação surgiu com o desaparecimento do noivo algumas horas após a abertura de um testamento que dava a conhecer o estado de penúria da moça. Ciente do logro em que ia cair, o almofada “deu o fora”, como diz o povo. A órfã foi recolhida por uma tia solteirona e rezadeira, a beata mais temida da zona, mulher bigoduda, cheirando a leite azedo e mais sabida em religião do que o próprio vigário. E a pobre menina, sem profissão, sem dinheiro, sem prática da vida, achou-se do dia para a noite nas unhas da megera.

A fuga inexplicável do noivo e a cara amarrada da sua família, já ao par da ausência do dote, a falta

e a saudade da mãe agravadas pela fereza da tia, começaram a agir sobre a sua saúde, já de si débil em consequência da educação freirática.

Sobrevieram ataques de nervos que a deixavam como morta. Passado um mês, o zumzum de comentários em torno da coitadinha enriqueceu-se de um novo mote: Juju estava grávida.

A tia católica, apostólica, romana, freguesa diária de missas e rezas bem mastigadas achou que o único modo de desagrar o sagrado coração de Jesus, entronizado com todo o luxo em sua casa, era expulsar a sobrinha. Foi o que fez.

E a desgraçada menina, grávida, de fato, doente, miserável, sem um níquel no bolso, completamente abandonada de todo o mundo, foi obrigada, para não morrer ao relento, a ir bater à porta da Luzia, caftina da viloca, a dona do bordel, a abadessa que satisfazia com carnes tenras o apetite dos chefões da redondeza.

A pequena abandonada, meio louca de desespero, ao encontrar uma mulher que não trepidava em lhe dar o melhor quarto da casa, prontificou-se a fazer tudo quanto ela ordenasse.

A champanha, os licores, a cocaína fizeram o resto, e mais uma prostituta levava ao monturo já bem sortido o seu corpo ainda infantil de criança abandonada.

O noivo, ao saber que ela estava no bordel, voltou descaradamente. E a sociedade o recebeu de braços abertos!

Um advogado compassivo, relacionado outrora com o pai da menina, apiedou-se dela e tomou a si a questão, fazendo ver que Juju era menor de 16 anos e fora seduzida, requerendo providências ao juiz.

Mas nesse ínterim, a caftina, nada tola, açulou a gula dos seus fregueses, e esses canibais de carne fresca, afrissurados com o medo de perder a primazia do petisco, acorreram como urubus para cima da carniça, desabotoando as calças ainda no corredor.

Sociedade hipócrita!

Moloch infame!

Homens malditos, inventores da castidade para uso alheio! Vós vos rebocais sobre a mulher perdida... A vós nada suja. O comércio infame do qual sois uma parte só desonra a outra parte... Quereis pequenas Jujus iletradas, semianalfabetas e tolhidas de superstição para sortir os bordéis onde ides refestelar a vossa concupiscência bestial!

Não quereis que se dê profissão à mulher para que tenhais sempre carne fresca, novidades para o paladar cansado!

Ah! pobre mulher! Eterna imbecilizada, eterna idiota, eterna fanática, que quando tenta libertar-se é arremessada ao ergástulo do alcouce!

Vós, casadas, ide ver os vossos honrados maridos no prostíbulo, ide! Lá estão todos, como cães à gamela. A Luzia marca-lhes hora – a hora de dar a dentada na novidade. Como gostam de sopas!

Bom apetite, senhor Juiz de Direito; oh, como

vai, dr. Promotor? Ah, ilustre senhor Farmacêutico! Entre, senhor Médico! Sr. Deputado, a casa é sua!

Vamos, ilustres salafários, gozai, aproveitai, ilustres crápulas!

Até o vigário! Deus do céu, até o vigário!

Desce do infinito, ó Cristo, e vem ver como resfolega o teu representante cá embaixo!

Mas quando na rua encontram a Juju e estão acompanhados das esposas – da família – como dizem com a boca mole, torcem a tromba com ar enojado, fingindo uma virtude que nem dormindo possuem, pois até nos sonhos enganam as esposas.

Afinal saiu o mandato do juiz ordenando a inter-nação de Juju num asilo.

Mas seja que alguma pensionista da Luzia já lá tivesse estado, seja que a própria Luzia conhecesse o buraco, quando os oficiais de justiça se apresentaram, só encontraram de Juju uma carta ao juiz:

“Não nasci para besta de carga das freiras. Procure outra.”

VI

Cláudia nada sabia de claro sobre o que se passara. Ouvia pedaços de frases. Como amiga e colega da Juju, quis procurá-la, mas a mãe a proibiu terminantemente de falar com a fugitiva, ainda que pelo telefone. E explicou por alto a razão, sem descer a pormenores que não deviam ferir os seus ouvidos de